

HUGHES LAMARCHE
(Coord.)

A AGRICULTURA FAMILIAR

Comparação Internacional

I
Uma realidade multiforme

Tradução:
ANGELA MARIA NAOKO TIJIWA

EDITORA DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
UNICAMP

Reitor: Carlos Vogt
Coordenador Geral da Universidade: José Martins Filho
Conselho Editorial: Aécio Pereira Chagas, Alfredo Miguel Ozorio de Almeida, Antonio Carlos Bannwart, César Francisco Ciacco (*Presidente*), Eduardo Guimarães, Hermógenes de Freitas Leitão Filho, Jayme Antunes Maciel Júnior, Luiz Cesar Marques Filho, Geraldo Severo de Souza Ávila
Diretor Executivo: Eduardo Guimarães



Introdução	179
Relação com a terra e estruturas fundiárias	188
A produção familiar e as estratégias produtivas	194
As estratégias familiares	205
O produtor familiar na sociedade brasileira	212
Como conclusão	222
Anexos	224
Notas	231
3 A EXPLORAÇÃO FAMILIAR NAS SOCIEDADES COLETIVIZADAS	235
A EXPLORAÇÃO FAMILIAR NA POLÔNIA	237
Introdução	237
A exploração e a produção	243
Família e estratégias familiares	265
Sistemas de valores, sistemas de representação	277
À guisa de conclusão	285
Notas	287
4 A EXPLORAÇÃO FAMILIAR NAS SOCIEDADES EM VIA DE DESENVOLVIMENTO	289
A EXPLORAÇÃO FAMILIAR NA TUNÍSIA	291
Introdução	291
As estratégias produtivas	304
As estratégias fundiárias	319
Os sistemas de representação social	326
Conclusão	333
Notas	335

INTRODUÇÃO GERAL*

Como ponto básico do enfoque de nossa pesquisa, partimos de uma constatação em comum: independentemente de quais sejam os sistemas sóciopolíticos, as formações sociais ou as evoluções históricas, em todos os países onde um mercado organiza as trocas, a produção agrícola é sempre, em maior ou menor grau, assegurada por explorações familiares, ou seja por explorações nas quais a família participa na produção. É forçoso admitir, entretanto, uma grande diversidade de situações: em alguns lugares, a exploração familiar é a ponta-de-lança do desenvolvimento da agricultura e de sua integração na economia de mercado; em outros, permanece arcaica e fundada essencialmente sobre a economia de subsistência; em alguns lugares, ela é mantida, reconhecida, como a única forma social de produção capaz de satisfazer as necessidades essenciais da sociedade como um todo; em outros, ao contrário, é excluída de todo desenvolvimento, sendo desacreditada e a custo tolerada, quando não chegou a ser totalmente eliminada. Essas situações particulares, vinculadas a histórias e a contextos sócioeconômicos e políticos diferentes, são reveladoras da enorme capacidade de adaptação deste objeto sociológico que é a exploração familiar. Estamos seguros de que esta heterogeneidade reflete também as diferentes faces de um mesmo objeto e não de objetos intrinsecamente diferentes.

Em princípio, optamos por considerar a exploração familiar como um objeto de estudo em si, um conceito de análise necessário para a compreensão do funcionamento e da evolução das for-

* Por Hugues Lamarche, pesquisador do CNRS.

mas sociais de produção agrícola. Falar de *explorador familiar* não é apenas falar de produtores ou de exploradores agrícolas; é mais do que isso. A ambição deste livro é a de desvendar este *mais*, através da confrontação de situações diferentes.

Esta premissa apresenta um determinado interesse, pois, parece-nos, a exploração familiar é mais do que nunca, por estar um pouco presente no mundo todo, o objeto de um novo desafio. A crise do modelo produtivista nos países capitalistas e as contradições resultantes dela, o evidente beco sem saída dos sistemas agrários coletivistas e a recente abertura da maior parte dos países do Leste europeu à economia de mercado, a estagnação e até, muitas vezes, a recessão do desenvolvimento nos países do Terceiro Mundo são outras tantas situações que remetem à ordem do dia o debate acerca das formas de produção agrícola. Conscientes hoje dos limites atingidos pelos dois grandes modelos de referência que dominaram a agricultura mundial — o modelo socialista e o modelo produtivista — e, portanto, de determinado questionamento das formas de produção engendradas por eles (os empreendimentos agrícolas de produção, os arrendamentos do Estado ou as cooperativas de produção), o que temos a dizer, nós pesquisadores, neste novo contexto? Nossa pretensão não é a de buscar soluções para as diferentes situações, mas simplesmente tentar passar uma visão mais clara nesta paisagem de confusão e de incertezas, através de elementos de que tomamos conhecimento e que permitirão, aos que desejarem, posicionar-se de maneira diferente em relação aos problemas do futuro da agricultura.

A exploração familiar como conceito de análise

De início coloca-se o problema da definição. De que se fala quando se diz que a produção agrícola repousa sempre, em grande parte, sobre a exploração familiar? Até que ponto pode-se dizer que se está diante de uma exploração familiar? Dar uma definição neste momento seria admitir que conhecemos suficientemente nosso objeto para determinar o essencial dele e, portanto, dar seus contornos. Se este fosse o caso, nossa pesquisa perderia bastante de seu

interesse. Entretanto, passar por cima disso, seria interditar a criação de um objeto de estudo suficientemente coerente para permitir a comparação e a colocação em evidência de modelos de funcionamento diferentes. Encontramo-nos, pois, diante da armadilha da definição.

De alguma maneira, algumas precisões são necessárias. Tivemos de escolher entre uma definição precisa, e por isso forçosamente restritiva, que eliminaria de nosso campo de análise um bom número de explorações, e aquilo que poderíamos chamar de um esquema de análise que, embora bem mais amplo, permitisse, no entanto, delimitar nosso objeto de estudo. Nós optamos pela segunda solução.

A exploração familiar, tal como a concebemos, corresponde a uma unidade de produção agrícola onde propriedade e trabalho estão intimamente ligados à família. A interdependência desses três fatores no funcionamento da exploração engendra necessariamente noções mais abstratas e complexas, tais como a transmissão do patrimônio e a reprodução da exploração.

A exploração familiar: uma noção ambígua

Há diferentes maneiras de se denominar o explorador agrícola e, segundo o caso, os nomes são mais ou menos portadores de simbologias. Se produtor, explorador agrícola e cultivador aparecem como termos genericamente neutros, o mesmo não ocorre absolutamente com os de camponês, agricultor, chefe de empreendimento, trabalhador da terra etc. Frequentemente o termo explorador familiar caracteriza mais uma exploração individual, de preferência tradicional, e, por isso, naturalmente, tende a ser confundido com o de exploração camponesa. No que diz respeito à agricultura francesa, Henri Mendras havia previsto, já em 1967,¹ o fim dos camponeses. Dezoito anos depois, ele constata que estava com a razão e declara que *se assistiu ao desaparecimento da exploração familiar.*² Na verdade, a exploração camponesa hoje praticamente desapareceu do território francês, mas com certeza a exploração familiar não, e não se pode confundir as duas coisas.

A exploração camponesa é familiar ...

A exploração camponesa é um conceito de análise que define um modelo de funcionamento bem particular de exploração agrícola, perfeitamente descrito e analisado por A. Tchayanov,³ retomado mais tarde por H. Mendras, J. Tepicht⁴ e por muitos outros autores mais. Segundo Tchayanov, o modelo camponês define-se a partir dos seguintes princípios:

— há inter-relação entre a organização da produção e as necessidades de consumo;

— o trabalho é familiar e não pode ser avaliado em termos de lucro, pois o custo objetivo do trabalho familiar não é quantificável;

— os objetivos da produção são os de produzir valores de uso e não valores de troca.

Para H. Mendras,⁵ o tipo ideal de sociedade camponesa define-se por cinco características:

— a autonomia relativa em relação à sociedade como um todo;

— a importância estrutural do grupo doméstico;

— um sistema econômico de autarquia relativa;

— uma sociedade de inter-relacionamentos;

— a função decisiva das personalidades de prestígio que estabelecem uma ligação entre a sociedade local e a sociedade em geral.

Admitindo-se que a exploração agrícola é o próprio fundamento desse tipo de sociedade, essas características são inteiramente transponíveis para as unidades de produção agrícola que a estruturam. Encontram-se, então, com Mendras, todas as características da exploração camponesa definidas por Tchayanov e, em particular, as que dizem respeito às relações entre a produção e a família. Ademais, encontra-se aqui uma dimensão mais sociológica, levando-se em conta as relações entre a exploração camponesa, a sociedade local e a sociedade como um todo. Assim definida, a exploração camponesa é uma exploração familiar, sem dúvida alguma.

... mas nem todas as explorações familiares são camponesas

Todas as formas de explorações familiares não podem estar compreendidas em um único modelo. É claro que, na França, a

maioria absoluta das explorações familiares advém do modelo *Camponês*. Isso quer dizer que todo explorador francês teve um antepassado camponês que lhe transmitiu os traços socioculturais já mencionados, característicos do modelo *Camponês*. Mas está longe de ser o caso no mundo todo. Por exemplo, na Tunísia, na região de Zaghouan, várias observações demonstram que a maioria das explorações familiares se refere a um modelo de funcionamento do tipo *Colonial*, ou seja, de um modelo fundado na produção mercantil e na utilização de uma mão-de-obra exterior à família. Ao contrário, no Sul do Brasil (região de Ijuí), assim como em Quebec ou em Saskatchewan, em conseqüência de um tipo de colonização ocidental diferente, o modelo *Camponês* aparece como o fundamento da sociedade agrária atual.

Seria um erro concluir que todos os exploradores que se referem a um mesmo modelo anterior são idênticos, possuindo um mesmo sistema de valores e mesmas ambições para o futuro. Com efeito, se alguma vez houve transmissão de um patrimônio sociocultural comum, o estado de conservação deste patrimônio pode variar consideravelmente de uma sociedade para outra e mesmo de um explorador para outro dentro da mesma sociedade. Nós voltaremos a este aspecto do problema; no momento contentemo-nos por reconhecer o papel fundamental, no modo de funcionamento da exploração familiar, de um modelo anterior ao qual todo explorador, mais ou menos conscientemente, necessariamente se refere. Nós o chamaremos de "*Modelo Original*".

Todo explorador projeta para o futuro uma determinada imagem de sua exploração; ele organiza suas estratégias e toma suas decisões segundo uma orientação que tende sempre, mais ou menos, em direção a essa situação esperada. Chamaremos a este modelo de referência para o futuro de "*Modelo Ideal*". Embora na França esse modelo em direção ao qual tende todo explorador seja definido pelo modelo "Empreendimento familiar", ou seja, um modelo de funcionamento cujo objetivo é a realização de uma produção para o mercado, onde o trabalho permanece essencialmente familiar, longe está de ser o caso geral. Citemos, por exemplo, exploradores familiares cuja finalidade essencial não seria a reprodução enquanto unidade de produção, mas a reprodução fami-

liar (modelo *Familiar*) ou simplesmente a sobrevivência da família (modelo *Subsistência*). Citemos ainda o caso de exploradores familiares cujo objetivo seria a formação de uma exploração agrícola organizada sobre a base do trabalho assalariado para a obtenção de um ganho máximo (modelo *Empreendimento agrícola*).

Assim sendo, o termo "Exploração familiar" recobre situações extremamente variadas e diferentes.

Uma formação social heterogênea

Distintamente da maioria dos setores de produção, a agricultura faz apelo a grupos sociais limitados que têm em comum associar estreitamente família e produção, mas que se diferenciam uns dos outros por sua capacidade de se apropriar dos meios de produção e desenvolvê-los. As explorações familiares agrícolas não constituem um grupo social homogêneo, ou seja, uma formação social que corresponda a uma classe social no sentido marxista do termo.

Desse modo, a exploração familiar não é portanto um elemento da diversidade, mas contém nela mesma toda esta diversidade. Em um mesmo lugar e em um mesmo modelo de funcionamento, as explorações dividem-se em diferentes classes sociais segundo suas condições objetivas de produção (superfície, grau de mecanização, nível técnico, capacidade financeira etc.). Por exemplo, em uma mesma comunidade, as explorações, todas do tipo *Camponês*, podem ser mais ou menos importantes (em superfície ou em meios de produção), mais ou menos mecanizadas, mais ou menos técnicas etc., e, em cada caso, sua capacidade de adaptação e de reprodução deve variar consideravelmente.

Toda exploração familiar se define ao mesmo tempo em um modelo de funcionamento e em uma classe social no interior desse modelo. Sua capacidade de reprodução deve ser analisada conjuntamente nesses dois níveis. O enfoque tipológico, no sentido clássico do termo, constitui, portanto, um elemento de análise essencial da exploração familiar agrícola.

Proposições para uma grade de leitura

O leitor atento terá percebido que nossa reflexão acerca da exploração familiar se organiza em torno de um eixo definido pelo

grau de integração na economia de mercado. É claro que concebemos esta integração em seu sentido mais absoluto, ou seja, tanto no plano técnico-econômico quanto no plano sociocultural. Com efeito, é evidente que a um determinado grau de integração no mercado corresponda uma determinada relação com a sociedade de consumo, um determinado modo de vida e de representação.

Assim, podemos imaginar um eixo escalonado segundo o grau de integração no mercado, em cujas extremidades se encontram, de um lado, o "*Modelo Original*" e, de outro, o "*Modelo Ideal*". As explorações familiares, segundo sua própria história e o ambiente específico no qual elas funcionam, posicionar-se-iam em tal ou tal lugar da escala. Pode-se imaginar também um ponto O, situado sobre este eixo, pressupondo um modelo quase independente da Sociedade Global; esse poderia ser o modo de funcionamento proveniente das sociedades *Selvagens*, no sentido redfieldiano do termo,⁶ que chamariamos de modelo *Tribal*. O modelo *Subsistência*, ainda que diferente sob muitos aspectos, aproximar-se-ia um pouco dele.

De um outro ponto de vista, esse eixo corresponde também aos respectivos níveis de influência sobre o funcionamento das explorações, estando de um lado o patrimônio sociocultural que cada explorador e sua família dispõem e, de outro, as escolhas políticas que lhes dizem respeito, efetuadas pela Sociedade Global. O funcionamento da exploração familiar deve ser analisado dentro dessa dinâmica e cada tomada de decisão importante é resultante de duas forças, uma representando o peso do passado e da tradição e a outra, a atração por um futuro materializado pelos projetos que ocorrerão no porvir. Os exploradores organizam suas estratégias, vivem suas lutas e fazem suas alianças em função destes dois domínios: a memória que guardam de sua história e as ambições que têm para o futuro.

Suas chances de atingir o "*Modelo Ideal*", ou simplesmente de se aproximar dele, dependerá da complementaridade de seu projeto junto ao que a sociedade elaborou para eles. Dessa maneira, pode-se explicar ora a dominação de certos tipos de exploradores familiares, ora sua estagnação, diminuição ou mesmo sua eliminação.

O eixo definido anteriormente não pode de modo algum ser assimilado como um eixo orientado com um ponto de partida e um ponto de chegada, pressupondo a evolução obrigatória da exploração familiar. *Não há qualquer determinismo em nosso propósito.* Apesar da predominância evidente de determinadas tendências (da autarquia para a economia de mercado, da tradição para a modernidade etc.), as explorações familiares não se encontram sob a influência de um processo de evolução histórica que, inexoravelmente e onde quer que estejam, arrastariam-nas a um mesmo destino. Assim, na França, hoje, é inteiramente possível encontrar explorações que tenham um comportamento ainda bastante próximo ao das explorações camponesas e outras, mais orientadas para o mercado, que funcionam como pequenas empresas. A coexistência de diversos modelos de funcionamento demonstra que a exploração familiar não pode ser definida em um modo de produção específico, como é o caso da exploração camponesa ou da empresa de produção.

Nesse contexto de análise, duas noções devem ser levadas em consideração: as noções de bloqueio e de ruptura. A noção de bloqueio corresponde a uma situação dada que não permite ao chefe da exploração colocar em prática estratégias tendo em vista atingir o *Modelo Ideal*. É a situação do explorador familiar polonês que não pode visualizar qualquer estratégia de acumulação fundiária porque o poder político impede toda concentração fundiária individual; é também o caso dos pequenos exploradores franceses, canadenses, brasileiros ou tunisianos, aos quais recusa-se o fornecimento de créditos para a melhoria de sua estrutura de produção, porque eles não apresentam garantias financeiras suficientes.

A noção de ruptura corresponde antes a um antagonismo profundo entre o *Modelo Ideal* e o modelo dominante preconizado pela sociedade global. Pode-se dizer que houve ruptura para a exploração camponesa nas sociedades industrializadas, como houve ruptura para as explorações privadas em certas sociedades socialistas (este não é o caso da Polônia, onde a exploração agrícola individual foi tolerada pelo poder central). Uma acumulação de lugares de bloqueio pode desembocar em um ponto de ruptura, ou seja, em uma situação na qual, não sendo mais viável o acesso ao "*Modelo Ideal*", a única saída possível oferecida é o desaparecimento da

exploração. Assim encontra-se colocado o problema dos limiares: a partir de quando se está em situação de ruptura? Observam-se, assim, as diferenças e avaliam-se as capacidades de adaptação das diferentes formas de explorações familiares.

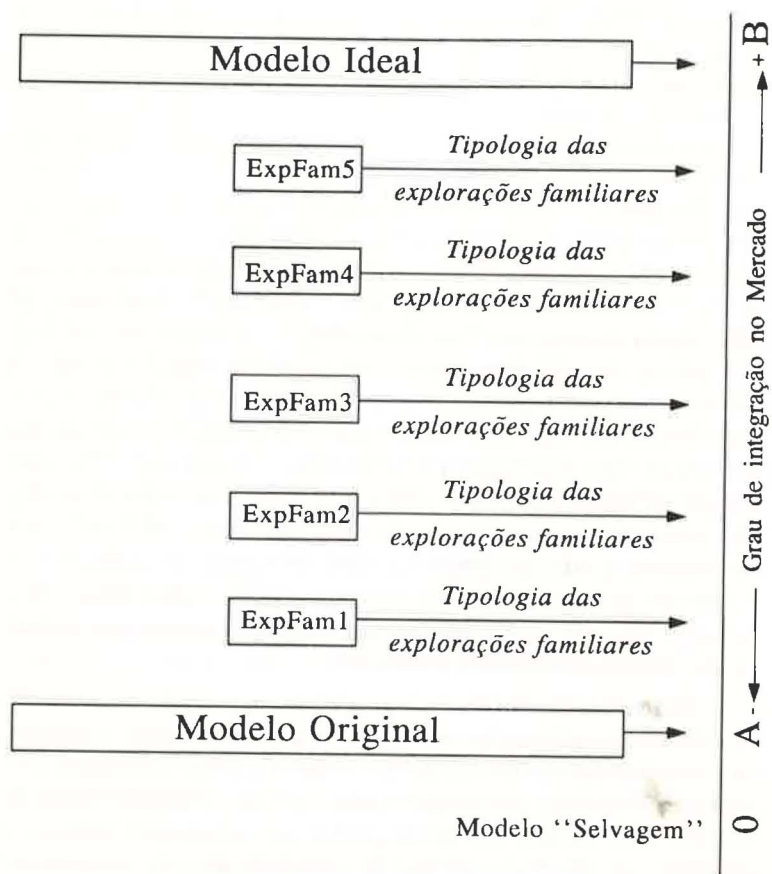
Capacidades de adaptação particulares

Se, como dissemos no início, a exploração familiar está um pouco presente em toda parte do mundo, apesar das numerosas tormentas econômicas e políticas que ela teve de enfrentar, é sem dúvida graças à sua excepcional capacidade de adaptação. As explorações familiares que sempre se mantiveram em seus lugares são as que souberam — ou puderam — adaptar-se às exigências impostas por situações novas e diversas às instabilidades climáticas, à coletivização das terras ou à mutação sociocultural determinada pela economia de mercado. Nos países industrializados, muitos dos exploradores desapareceram porque não puderam, quando foi preciso, modificar seu sistema de produção e adaptá-lo às novas exigências do mercado, sem dúvida por serem muito dependentes de seu "*Modelo Original*". Tais exploradores situar-se-iam em nossa escala no nível dos tipos ExpFam1 e ExpFam2?⁷ Atualmente, alguns exploradores estão "em dificuldades", diríamos até na falência, porque não são mais capazes de pensar de outra maneira seu modo de produzir e de viver; são os exploradores que se encontram hoje desprovidos de praticamente todo seu patrimônio sociocultural, seja porque renegaram profundamente a maior parte dos valores que os constituem, seja porque seus pais, por diversas razões, não julgaram oportuno transmitir-lhes tais valores. Ao perder esse patrimônio, eles perderam também um capital de conhecimentos através dos quais poderiam encontrar soluções alternativas. Nesse nosso esquema, esses exploradores posicionar-se-iam na vizinhança dos grupos ExpFam4 e ExpFam5.

Tudo isso nos leva a formar a hipótese de que, nas sociedades dominadas pela economia de mercado, quanto mais a exploração estiver próxima dos modelos extremos menos ela poderá acomodar as restrições que se apresentem a essas sociedades e, por isso, mais dificuldades terá de assegurar sua reprodução. Todavia, o que pode ser viável em um tipo de sociedade não o é forçosamen-

te em outras. É necessário, em cada caso, considerar os diferentes níveis de realidade, dos quais viremos a falar; *a exploração familiar é ao mesmo tempo uma memória, uma situação, uma ambição e um desafio*. Do valor atribuído a cada um desses elementos dependerão suas características, suas exigências e seu futuro.

Todas essas precisões não devem ser recebidas simplesmente como considerações de pesquisadores acerca do tema. Elas constituem os filtros indispensáveis para, em uma sociedade dada, compreender-se a existência da exploração familiar e analisar as possibilidades e as condições de seu desenvolvimento.



Uma metodologia original

A enorme diversidade de situações nas quais se encontram explorações familiares nos obrigou a fazer um particular esforço no plano metodológico, tanto mais que a análise desta diversidade, e não, salientamos, sua descoberta, é nosso principal objetivo. Esse esforço consistiu, em princípio, de conceber um enfoque metodológico que permitisse a comparação.

Comparação: o termo em si não significa nada. Comparação de quê? Entre o quê? Como comparar? Muitas das questões colocadas acerca das possibilidades reais de se empreender tal investigação acerca de tal objeto, resumem-se de fato à única questão de saber se se comparam coisas comparáveis e, portanto, se a comparação é possível? Uma pré-enquete⁸ convenceu-nos de que ela seria possível à medida que comparássemos não objetos diferentes, mas diferentes formas de um mesmo objeto. Certamente há situações e ritmos de evolução diferentes, mas permanecem secundários na explicação da diversidade; a exploração familiar transforma-se, evolui, adapta-se em função de sua história e do contexto econômico, social e político no qual sobrevive. Não desejamos comparar, termo a termo, situações de explorações (superfícies, culturas, estruturas familiares etc.), mas sistemas de funcionamento em contextos diferentes dados (sistemas de produção, sistemas fundiários, sistemas de representação etc.). Como, por exemplo, as explorações familiares vivem a modernidade? Que há de comum e de diferente entre elas? A exploração moderna do Sul brasileiro é naturalmente bastante diferente de sua homóloga francesa ou canadense e, no entanto, sob muitos aspectos, elas se assemelham...

Um enfoque qualitativo

A pretensão de comparar modos de funcionamento de explorações familiares obriga-nos a uma abordagem qualitativa, por dois motivos:

— Razões teóricas. A exploração familiar deve ser analisada em seu conjunto, ou seja: tendo em conta diversas entidades que a estruturam. Compreender seu funcionamento significa colocar em evidência as diferentes lógicas em função das quais o explorador